

**BRÁS CUBAS: UM NARRADOR
ENTRE O CAPRICHIO E A ASTÚCIA**

SILVA, Tatiana Cíntia da

1 Formação em Letras Português /Literatura /Inglês pela Faculdade de Formação de Professores de Penedo (Fundação Raimundo Marinho) e cursando Pós-Graduação em Letras, Português e Lingüística pela Faculdade Amadeus (Fama).

RESUMO: A proposta deste trabalho é mostrar o caráter inovador de Machado de Assis através de sua maior inovação que foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É ressaltado aqui e comprovado através da análise desta obra que o autor não se prendeu a modelos pré-estabelecidos; sendo pelo contrário, um inovador em todas as escolas pelas quais transitou. É por isso que detectamos numa mesma obra a negação do Romantismo, a utilização de algumas características do Realismo e o uso de outras que não corresponde a esse período, mas ao estilo literário próprio do autor. Essas características chegam de forma caprichosa e astuta, como se mostra o narrador - defunto. É por isso que essa pesquisa expõe algumas das questões que cercam o narrador e sua posição no romance já citado. Por todo o trabalho, são analisados alguns pontos peculiares à obra machadiana, como as interrupções e volubilidade do narrador que, são características fortemente marcadas na obra para intensificar a negação de alguns dos principais pilares do Realismo, como a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade. No decorrer do texto é observado o modo como o narrador-personagem desconstroi, com sua ironia e seus "vaivens", os ditames da onisciência e mistura com a subjetividade o tempo cronológico ao psicológico, de acordo com sua memória e imaginação criadora. Destacam-se nesse estudo, não só a posição do autor perante as características já mencionadas do Realismo, como o árduo combate ao sentimentalismo contido nas obras do Romantismo, assim como a compreensão e questionamento do autor acerca dos mecanismos que comandam as ações humanas através da sondagem psicológica; visto que Machado de Assis além de inovar no enredo, criar um narrador fora do padrão, retrata também os ditames sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Interrupções e volubilidade, narrador-personagem, combate ao sentimentalismo.

ABSTRACT: The proposition this work is to show the innovative character of Machado of Assis through his largest innovation that was Posthumous Memoirs of Brás Cubas. It is stood out here and proven through the analysis of this work that the author wasn't arrested to prey-established models; being on the contrary, an innovator in all of the schools for the which it. It is for that detected in an even work the denial of the Romanticism, the use of some characteristics of the Realism and the use of another that it doesn't correspond to that period, but to the author's own literary style. These characteristics arrive in a capricious and astute way, what the deceased - narrator is shown. This research exposes some of the questions who surround the narrator and his position in the romance already mentioned. For whole the work, some peculiar points are analyzed to the work machadiana production, how the interruptions and the narrator's volubility that, they are characteristic strongly marked in the work to intensify the denial some of the main pillars of the Realism, as the neutrality, the impartiality and the objectivity. In elapsing of the text the way it is observed as the narrator-character

destroy, with his irony and their "sways", the dictates of the omniscience and mixture with the subjectivity the chronological time to the psychological, in agreement with his/her memory and creative imagination. They stand out in that study, not only the author's position before the characteristics already mentioned of the Realism, how the arduous combat to the sentimentality contained in the productions of the Romanticism, as well as the understanding and the author's questionable concerning the mechanisms that command the human actions through the psychological survey; because Machado de Assis besides innovating in the plot, to create a narrator out of the pattern, it also portrays the social dictates.

KEYWORDS: Interruptions and volubility, narrator-character, combats to the sentimentality.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é uma obra original, provocadora e marcante. Com este livro, o autor substitui o herói romântico por um personagem que, muitas vezes, procura mais "parecer" do que "ser". O narrador deixa de aparecer em terceira pessoa e a narrativa passa a ser feita em primeira. Tal mudança faz do narrador um personagem do que conta, o que nos proíbe de esperar uma narrativa impessoal / imparcial.

A excêntrica idéia de criar um defunto que escreve sua história justifica-se logo nas primeiras páginas: um narrador que já não precisa salvar as aparências perante o julgamento da sociedade está livre para expor criativamente os fatos. Sem a hipocrisia que tantas vezes caracteriza os vivos, Machado de Assis apresenta, a partir de seu narrador, a vida do ponto de vista da eternidade, e o que o olhar do defunto Brás Cubas revela a nós, leitores / leitoras, é a degradação do ser humano escondido nas convenções sociais. Revelando uma das faces ocultas do ser humano, o autor nega o sentimentalismo e as idealizações presentes nas obras do Romantismo.

O narrador em primeira pessoa, não em terceira, como se esperava, é na realidade um artifício usado por Machado de Assis para questionar as bases do Realismo. Ele é cheio de extravagâncias, é volúvel e extremamente irônico, fazendo constantes intromissões no enredo no decorrer da narrativa. É por isso que Roberto Schwarz afirma que "o traço marcante

do romance de Machado de Assis é a volubilidade de seu narrador” (2006, p.118), visto que este muda de opinião e/ou assunto de forma imprevisível, pois nele, nada é permanente, tudo porque o narrador possui uma relação de intimidade com os fatos narrados.

O autor prefere explicar os fatos através do *flashback*, o que acaba fazendo com que um narrador em primeira pessoa possa ter também a primazia do narrador onisciente, que pode estar em todos os lugares e saber tudo o que ocorre na narrativa, característica que os críticos costumam chamar de onipresença e onisciência. Como Brás é um “defunto autor”, ele consegue, mesmo narrando tudo de seu ponto de vista, a qualidade de um narrador onisciente já que Machado de Assis não trata o narrador como categoria fixa. Isso ocorre exatamente por causa do *flashback*, pois Brás Cubas esteve nos lugares mostrados, já sentiu as frustrações que nos revela e, assim, possui certa “sabedoria” em relação ao que narra.

A sabedoria que encontramos em Brás Cubas não é como a sabedoria que Benjamin (1994) via nos narradores convencionais. A sabedoria do narrador estudado surge a partir da sua condição de defunto, pois Brás Cubas conta tudo o que já passou por seus olhos. Debochadamente, é o próprio narrador quem nos revela essa sabedoria que ganhara com a morte:

Grande coisa é haver recebido do céu uma partícula da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a faculdade de as comparar e o talento de concluir! Eu tive essa distinção psíquica; eu a agradeço ainda agora do fundo do meu sepulcro. (2005, p. 180)

Não podemos colocar o narrador machadiano em uma camisa de força. Não podemos dizer que o narrador Brás Cubas é um exemplo estável de uma determinada categoria literária. Ele é, na verdade, uma mistura de diversas caracterizações, é um personagem contraditório e complexo, dessa forma, esse narrador pode ser observado em vários aspectos graças a sua heterogeneidade.

Brás Cubas não pode dar conselhos, pois não é um narrador tradicional; porém tem a autoridade da experiência

vivida e propriedade no que diz, uma vez que o que ele narra já se sucedeu, então nos conduz para as suas verdades, conduzindo nosso olhar para onde ele quer. É por isso que Roberto Schwarz e Sílvio Romero mostram uma nova abordagem para se pensar o narrador machadiano, englobando diferentes pensamentos e teorias que seriam para os críticos do passado insociáveis, juntos agora para definir o tipo de narrador que dá conta da caracterização de Brás Cubas.

Por sua vez, para Adorno “narrar algo, significa na verdade, ter algo especial a dizer” (2003, p.270), refletindo sobre esta frase, é necessário lembrar que o que é especial para um nem sempre o é para os outros. Assim, Machado de Assis bate de frente com uma das “leis” mais importantes para o pensar Realista: - a objetividade.

Se narrar tem um cunho tão pessoal e individual, logo, subjetivo, como podemos dizer que o narrador é neutro? Machado de Assis cria um enredo não-linear, uma história contada por um defunto, personagem-principal, que confunde a todos com sua volubilidade e que com a autoridade da palavra ilude ao leitor e a si próprio, pois é narrador, espectador e personagem ao mesmo tempo. Sua palavra possui constantemente, se não sempre, o caráter ilusório.

Se por um lado, o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* perde a característica convencional de narrador sábio e, portanto, não pode dar conselhos ao leitor, atribuição tão importante para Benjamin. Por outro lado, ganha em sagacidade, contando-nos suas mazelas e as do mundo, onde tudo é um jogo de interesses. É por tudo isso que Afrânio Coutinho não enxerga semelhança entre Machado de Assis e qualquer outro na literatura, pois para ele:

[...] a vida intelectual brasileira não encontra paralelo, pela qualidade e abundância da obra e pelo caráter inconfundível do escritor que atravessou incólume todos os movimentos e escolas, construindo um estilo composto de técnicas precisas e eficazes, e uma galeria de tipos absolutamente realizadas e convincentes. (2004, p.152).

O que é afirmado em nesse estudo, não é que Machado de Assis nega a realidade, mas, que ele extrapola o signifi-

cado do real assim como a palavra comum. A seleção e combinação são os verdadeiros atos de fingir do autor, a realidade é intensificada e/ou reduzida, ou seja, é transgredida / ultrapassada.

Sendo narrador a voz autorizada do autor, é também o elemento que leva a obra a atingir o *status* que possui. É a ele que é legada simbolicamente a tarefa de selecionar e combinar o que lhe convier. O que faz com que inegavelmente nem tudo que ele conta tenha ocorrido de fato, já que não era a meta do autor ser objetivo; Machado de Assis põe, em seu narrador, várias doses de ironia e volubilidade, não de formalismo.

Sabe-se que muitos são os elementos associados para se obter o efeito de humor que se pretende alcançar. Dentre esses elementos, Lúcia Miguel – Pereira destaca que “tudo parte da simpatia humana aliada ao grande pensamento crítico; piedade com lucidez e, ternura unida à inteligência” (1936 p.198). Chega-se, portanto, a conclusão de que o cultivo do humor parte de dualismos que se complementam, nesse caso, pontos dissonantes tornam-se justapostos, tendo em vista a busca de explicações acerca do ser humano. Assim, o autor poderia observar as ações, reações e relação humana.

Na obra machadiana, essa ironia foi sendo intensificada no decorrer de sua produção, visto que já existia nas obras românticas, assim como a observação das agitações humanas, o gosto pelos contrastes e pelas reações inesperadas. Faltava-lhe apenas aprimorar tudo isso, o que acaba se revelando de fato em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Reafirma-se então, mais uma vez a junção entre crítica consciente e ironia de expressão. O autor, através do narrador, mostra os defeitos dos que compõem o mundo fictício, nos remetendo aos reais, e é por isso que as personagens não têm constância de comportamento nem firmeza de caráter, assim como é o ser humano, ora é, pensa e age de um jeito, ora de outro, pois são assim os dilemas e os problemas do homem comum, fora das páginas do livro.

É válido pensar também que, ao narrar sua própria his-

tória, Brás Cubas exerce a função de repórter e espectador ao mesmo tempo, já que tanto transmite informações como assiste ao espetáculo. Por isso que, embora em primeira pessoa, ele não perde o poder da onisciência presente nos narradores em terceira pessoa; pois, tem o que ele mesmo chama de “sabedoria dos mortos”. Afinal, o que ele conta nada mais é do que aquilo que ele já viveu, então, pode não dar conselhos nem ser considerado um narrador sábio, mas é um narrador astuto que detem conhecimento dos fatos narrados.

Tendo esse conhecimento íntimo com os fatos, é simples para o narrador fazer vários cortes, como no capítulo intitulado “Um Salto”, em que o defunto não quer falar de seu período na escola ou quando exita no meio de seu discurso de terminar o seu pensamento a respeito do futuro do seu amigo Quincas Borba e deixa em suspenso para capítulos posteriores, dizendo apenas “[...] Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. [...]” (2005, p. 39).

Essas suspensões que aparecem por todo o enredo servem justamente para evidenciar que se pode escrever sem ser um prisioneiro do que escreve e se pode levar o mundo de fora do texto para dentro, mas, com o poder da linguagem literária, este se transformará em outra realidade impregnada pelos artifícios da arte.

Isso nos faz pensar com Afrânio Coutinho que Machado de Assis é “[...] antes um transfigurador da realidade do que um mero retratista, antes um criador de uma obra semelhante à vida do que uma cópia da realidade.” (2004, p. 316). Ou seja, Machado de Assis rompe com as amarras da verossimilhança externa, o autor pode usar de sua criação com liberdade e colocar em sua obra um defunto que narra suas memórias de quando vivo.

Percebe-se, então, o quanto é importante para o enredo a volubilidade do narrador e seus saltos, intensificando o pensamento do quão especial é o narrador Brás Cubas. Com a não-linearidade com a qual ele expõe os fatos, detectamos que o alvo de Machado de Assis não era fazer uma narrativa de acordo com os moldes realistas, mas criar um novo e autêntico modo de reescrever a realidade fictícia.

Essa composição do texto através de recortes, seleção e combinação, processo dos quais Machado de Assis se serve, podem ser melhor compreendidos à luz da relação tríplice: real – ficção – imaginário, exaltada por Iser (1983). Afinal, literatura é a violação da realidade comum, por isso, diferentemente do que faziam alguns dos seus contemporâneos realistas, Machado de Assis não condicionava sua obra a uma representação fidedigna da realidade. Partia do real, mas tinha claro em sua mente que tudo era arte e ilusão, tudo no romance é fictício, é criação, não uma fotografia do mundo. A realidade, através da magia da palavra, é transformada em outra realidade carregada de simbologia, já que esta última é ficção.

Através de Brás Cubas, podemos observar de forma evidente os pontos pelos quais Machado de Assis se distanciava e combatia a objetividade e o cientificismo realistas. Além desses pontos outros também importantes são citados por Alfredo Bosi quando ele afirma que:

[...] foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas. (2003, p.177).

O que vamos perceber é a duplicidade do ser humano e não a presença de heróis, como nos permite pensar o próprio Bosi ao dizer: “Não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza” (2003, p.180) e com isso Machado de Assis faz o inverso do que os autores românticos faziam. Os personagens perfeitos são substituídos por personagens inconsistentes e volúveis.

Machado de Assis traz ainda uma nova forma de conduzir o enredo, mostrando que a aparente “desordem”, consciente e proposital, causada pela volubilidade e pelos saltos de Brás Cubas pode transformar o enredo em algo mais interessante que um enredo conduzido linearmente em que é intencionada uma pseudo-objetividade que, como o autor mos-

tra, é impossível para a construção de algo tão criativo e imaginativo como é um texto literário.

O texto literário ultrapassa o sentido da realidade com seu poder graças ao seu caráter de transformação, isso tendo em vista que segundo Benjamin citado por Silviano Santiago: “[...] a narrativa não deve estar interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. A narrativa é narrativa porque ela mergulha a coisa na vida do narrador para depois retirá-la dela” (1989, p.39). O que nos leva facilmente a compreender que a literatura experimenta a realidade para depois intensificá-la.

Além das interrupções de Brás no enredo e, portanto, a quebra da linearidade, em que na construção desse enredo não-linear, a morte é o principio e não o fim, encontramos ainda, uma constante conversa com o leitor, ao qual aparece a reflexão da maneira de como se escreve. Podemos perceber como funciona esse diálogo com o leitor através do seguinte fragmento:

Começo a arrepende-me deste livro. Não que me canse; eu não tenho o que fazer [...] Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave e, aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar, tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam, o céu, escorregam e caem. (2005, p. 118, 119)

Muitos pontos interessantes podem ser analisados neste suposto diálogo entre o narrador e o leitor. Inicialmente, é necessário observar que esses leitores não somos nós de fato, mas também personagens da obra, outro artifício do autor. Dessa forma, esse diálogo serve implicitamente como meio de caracterizar o questionamento acerca da forma de escrever de seus antecessores românticos e seus contemporâneos realistas, além da expectativa dos leitores despreparados com o que iam se deparar.

Podemos detectar ainda que, como o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma mistura de humor, estética e inovação, a ironia que cerca todo o fragmento, serve para

que saibamos que a obra não tem como propósito ser fluente e/ou simples, o discurso deste enredo não é em nada linear e, para entendermos a fala de Brás Cubas e suas idas e vindas, o leitor precisa ter muita atenção ao ler a obra.

A narrativa é impregnada por cortes, saltos, e ziguezagues, dependendo da satisfação ou insatisfação do narrador. Dessa forma, ao recontar a sua história, interrompendo os fatos e misturando-os, percebemos o poder que ele detém sobre estes. É pensando nessa mistura dos fatos que devemos lembrar que “quanto à sucessão de episódios, poderia se dizer que ele, o romance, é a volubilidade em câmara lenta” (SCHWARZ, 2006, p.121).

O relato de Brás Cubas depende da memória e da imaginação, logo, o tempo cronológico mistura-se ao psicológico ao sabor do narrador. Tomemos como exemplo disso os capítulos II, III e IV, em que Brás começa falando do emplastro, corta o discurso, em seguida, para falar da raiz de sua família e depois pára este discurso para voltar ao primeiro: o emplastro. Desvincula-se assim a imagem que se tinha antes da personagem principal, que deveria seguir um padrão, como o enredo deveria ser linear. É por isso que segundo Lúcia Miguel - Pereira: “[...] a superioridade de Brás Cubas sobre os outros romances vem justamente da harmonia entre a marcha interrompida da narrativa e a dissociação do heroe [sic], da ‘errata pensante’”. (1936, p.256)

A afirmativa de Lúcia Miguel – Pereira comprova que Machado de Assis era mais visionário que seus contemporâneos realistas. A obra do autor vai além de seu tempo e isso se deve à sua maior criação que foi construir um narrador-personagem fora do padrão.

Na realidade não existe seres perfeitos, pensando nisso, o autor cria, através da linguagem literária, vários personagens com características e defeitos próprios, em que cada ser humano pode se identificar com um ou outro e Brás Cubas não escapa deste viés. Pelo contrário, ele é o maior exemplo e provavelmente o que tem mais desvios de caráter entre todas as criações do autor.

Logo, o ser humano é sim objeto do romance, mas, o homem enigmático, suas relações e desilusões com o mundo. Tudo é transformado em algo muito maior, transfiguração, transcendência e estética. A arte é diferente da vida, a literatura parte do real, mas é ilusão, o que tem no romance é um mundo fictício, semelhante ao real, mas não o é. A palavra é ferramenta, artifício e simbologia; é criação e não cópia.

Com a primeira obra realista Machado de Assis descobriu sua vocação verdadeira, contar a essência do homem e sua precariedade, vendo-o como um ser dividido consigo mesmo, envolvido por contradições e perplexidades internas. Conseqüência dessa visão do homem é a construção de um narrador não confiável que ilude, provoca, distorce os fatos e desconcerta o leitor com “conversas” que muitas vezes ironizam as suas próprias expectativas e as de outrem; como, por exemplo, as expectativas de que o leitor romântico o compreendesse.

Brás Cubas é não só a dissociação do herói como a descaracterização das tipologias do narrador; logo, a narrativa também não poderia fugir da inovação, é sinônimo de revolução e obviamente de mudanças.

A forma diferenciada como o autor constrói seu narrador-personagem acaba proposital e conseqüentemente desconstruindo a ideologia de que o enredo deveria ser linear, desenvolver-se em uma linha reta. Machado de Assis, através das interrupções do narrador, atravessa seu tempo e mostra que o conceito de valor que ele tem no que diz respeito ao enredo é que este não precisa apresentar-se sem curvas nem desvios; pelo contrário, para o autor o interessante mesmo é que o enredo não seja linear, contrariando os ditames da estética realista. Ou seja, o ritmo cíclico, os vaivens dos fatos contados e já ocorridos que compõem uma sucessão de imagens narradas por Brás formam o que o enredo tem de mais precioso na obra.

Através de sua narrativa fragmentada, podemos perceber como fragmentado estava o interior de Brás Cubas. Devido ao fato de a literatura operar pela generalização, e o

romance não estar nunca isento de todo da realidade, principalmente em se tratando de uma obra realista, a fragmentação do narrador-personagem simboliza também o como estava fragmentada a sociedade e, especificamente, o ser humano em sua época.

O cômico é um aspecto muito forte da prosa machadiana, pois ironia e crítica andam juntas na obra. Sobre isso, é válido observar, no início da narrativa, a seguinte fala de Brás Cubas quando este diz “[...] que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais pode saltar o capítulo. [...]” (2005, p. 21).

No fragmento acima, podemos detectar questões que justificam esta pesquisa, visto a percepção aqui da presença constante do “eu” pretensioso de Brás Cubas, que está livre da vida para contar a sua verdade não dita, uma verdade própria, não-neutra, que não fica presa às convenções da sociedade, nem da ciência e, muito menos, ao que um leitor convencional espera. É através do narrador que conhecemos a forma de escrever de Machado de Assis, que instaura a afirmação de algumas características do Realismo e a descaracterização de outras.

Assim, as idas e vindas do narrador, cercadas por suas ironias, marcam a obra e caracterizam um combate ao Romantismo em que o amor é o centro de tudo; além de apresentar um questionamento às bases do Realismo, em que tudo deve ser objetivo. No romance estudado, tudo está sujeito aos caprichos de Brás Cubas e nem a verdade científica consegue escapar disso.

Nesse caso, é necessária uma ressalva, para dizer que Machado de Assis não se prendeu às suas raízes românticas nem às realistas. Tanto num período literário quanto noutro, em que ele produziu seus textos, o autor nunca se sentiu obrigado a seguir às características do momento respectivo à risca.

Sobre essa ânsia que Machado de Assis tinha de inovar, de ir mais além que seus contemporâneos, de ser único no que fazia, José Veríssimo diz que:

[...] sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e correntes literárias, a nenhuma realmente aderiu senão mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. (s.d, p. 416)

A partir de todo o estudo levantado, e como pode ser reafirmado nas palavras de José Veríssimo, o maior valor de Machado de Assis decorre da sua filosofia pessoal junto às virtudes literárias que ele possui e foi isso que o deixou mal visto entre os críticos de sua época.

Assim como Machado de Assis não se prendeu a nenhum período literário, seu narrador não se preocupava com a verdade nem com os ditames da ciência; usando sua memória exatamente em seu favor, manipula os fatos e engana a todos com seu discurso brincalhão e debochado.

O mais importante na obra não é o enredo, mas a maneira como é alinhavada a narrativa, já que os fatos vão sendo intercalados com alusões e comentários, com tons de humor e melancolia, visto que o narrador já começa afirmando que a sua obra é "Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia" (2005, p. 11), e a observação destes traços é o ponto chave para se interpretar o romance. O salto qualitativo de Machado de Assis é totalmente visível já que originalmente uni o passado ao futuro literário com suas inovações.

Nas narrativas modernas o que importa não é necessariamente a história, mas o subentendido, e é com essa profundidade que a obra deve ser analisada, buscando o significado oculto de tudo, já que temos pela frente um narrador caprichoso, que manipula os fatos e brinca com os acontecimentos.

Como se a morte fosse um desabafo, ele usa o truque de ser um defunto e fala o que nunca contaria. Sobre isso, ele

mesmo afirma que “talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto” (2005, p. 59). Dessa forma, intensifica que a vida é marcada pela enganação, pois nela há “o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos [...]” (2005, p. 59), ou seja, a morte é a sanção da hipocrisia, da mentira, da cólera, da cobiça, enfim, da miséria humana.

O que Brás Cubas conta nada mais é que seus pensamentos não ditos, suas observações antes não expostas e que, em morte, não precisa mais guardar para si. A aparente perfeição ou busca desta em que o ser humano quer mostrar-se aos demais, imagem que prevalecia nas obras literárias de até então, é trocada pela dúvida e pela insatisfação exaltada sem hesitação. O nosso narrador, personagem principal, liberta-se, pois, das aparências simplificadoras e artificiais.

Logo, não podemos encaixar o narrador Brás Cubas num perfil de uma determinada teoria de narrador, como não podemos aprisionar o estilo de Machado de Assis e dizer que ele é um puro realista. Embora, tenha muito em sua maneira de escrever do Realismo, é fato que acima das características desta corrente, ele possuía seu próprio estilo de ver o mundo e de construir seus romances.

Enfim, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra inovadora tanto na forma como no conteúdo. A inovação no plano da forma decorre da maneira como se coloca o narrador, visto que este não está obrigado com a objetividade dos fatos acontecidos, por isso as constantes interrupções. No plano do conteúdo é necessária a observação de como a trama é delineada, como as relações de classe e a vaidade humana são expostas de forma satírica através das personagens, uma vez que, de certo modo, o romance está ancorado na história nacional.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: Notas de Literatura I. São Paulo: 34 Letras, 2003.
- AMARAL, Emília et al. **Novas Palavras: Literatura, Gramática e Redação**. São Paulo: FTD, 2000.
- ASSIS Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 3 ed. São Paulo: Rideel, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. Magia e história da cultura. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouant. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
- ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Schwarz LTDA, 1994.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Impostura e Realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou O que é fictício num texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. V.2. 2ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- LE GOFF, Jacques et al. **Memórias – História**. Enciclopédia Eranidi. Lisboa: Imprensa Nacional/ casa da Moeda, 1984.
- LEITE, Ligia Chiappine Moraes. **O Foco Narrativo**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LOPES, José Leme. **A Psiquiatria de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- LUCAS, Fábio. **O Caráter Social da Ficção do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Realismo: Machado de Assis. **Literatura sem segredos**. V. 5. 1ed. São Paulo: Escala educacional, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel -. **Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

REZENDE, Marcelo (org.). **Dossiê Cult**: Literatura brasileira: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa. São Paulo: editora Bregartini, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da Letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. **Que Horas São?** São Paulo: Schwarz LTDA, 2006.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Edelbra, (s.d).